

# A EMIGRAÇÃO E O REAPORTUGUESAMENTO DE FERNANDO PESSOA\*

*João Alves das Neves*

## I.

Ainda não se fixou nos devidos termos a influência da emigração na vida e, sobretudo, na obra de Fernando Pessoa.

Uma emigração que foge ao habitual: o jovem Fernando Antônio chegou à África do Sul quando contava apenas sete anos e permaneceu na antiga colônia britânica até aos 17, se excetuarmos as longas férias em Portugal (agosto de 1901 a setembro de 1902), antes do regresso definitivo a Lisboa, em setembro de 1905.

Quer dizer, cerca de nove anos em escolas inglesas: aprende o idioma na escola do convento de West Street, logo após o desembarque em Durban, entra em abril de 1899 na High School, Form II-B, transitando para a Form II-A em junho, onde ganha o Form Prize, em dezembro seguinte; passa em junho de 1900 para a Form III e em dezembro para a Form IV. Em 25 de junho de 1901 faz a prova da Cape School Examination. Entra na Commercial School em setembro de 1902 e apresenta-se ao vestibular da Universidade do Cabo em dezembro de 1903. Volta à High School em fevereiro de 1904, ingressando na Form VI. E após ter conquistado o Prêmio Rainha Victoria de ensaio em inglês, no vestibular da Universidade do Cabo, conclui os estudos sul-africanos com o Intermediate Examination em Artes da Universidade do Cabo, em dezembro de 1904.

Uma carreira escolar breve e brilhante que irá ser afinal continuada no Curso Superior de Letras, na Universidade de Lisboa, mas por pouco tempo, visto que Fernando Antônio Nogueira Pessoa desiste durante o 2º ano. Aprenderá muito, sim, daí para a frente, porém como autodidata. Lendo e escrevendo: o seu principal biógrafo, João Gaspar Simões, observa que, após o abandono do

curso de Letras, Fernando Pessoa escreve “poesia e prosa em inglês”, o que é confirmado por informações do Poeta, nomeadamente em carta a Armando Côrtes Rodrigues: “só para o fim de 1908 (...) escreve poesias em português”.

Chegou a hora de perguntar: como viveu Fernando Pessoa? O que foi encontrar na antiga colônia inglesa, onde aprendeu uma segunda língua e fez os primeiros estudos? Observa Gaspar Simões que da cidade de Durban, então denominada Porto Natal, “não ficará memória” na obra pessoana: “Não há uma só palavra que recorde este lar longínquo, esta terra onde vai residir cerca de dez anos — os dez anos da sua ‘primeira’ e de parte da sua ‘segunda adolescência’”: o convento de West Street, dirigido por freiras irlandesas católicas, conferiu ao jovem Fernando Pessoa o novo batismo idiomático — a língua inglesa, assinala o biógrafo, “operaria na sua mentalidade a metamorfose mais profunda que é dado operar-se na mentalidade de um ser humano. Ao entrar na Durban High School, três anos depois, o contato com outros jovens de culto anglicano deve ter contribuído “para contrabalançar a sua primitiva educação católica”.

O professor sul-africano, H. D. Jennings, não hesita proclamar que “o profundo conhecimento da língua e literatura inglesa adquirido por Fernando Pessoa na África do Sul foi geralmente reconhecido na obra do poeta”. E com certa paixão admite que, “embora Pessoa pensasse com igual felicidade em inglês e em português”, quando tinha dificuldades de ordem redacional recorria à língua em que fizera os seus primeiros estudos. “O inglês era para ele a língua do intelecto; o português, a língua do coração”.

Que o idioma e a cultura inglesa tiveram papel importante na formação intelectual de Fernando Pessoa ninguém duvida, mas não há que esquecer a frase tantas vezes repetida pelos exegetas: “Minha Pátria é a Língua Portuguesa”. Um conceito que se deduz a partir das várias autobiografias, pois através delas se dispensam os intérpretes: das notas biográficas elaboradas em 1914 com base em informações pessoais deduz-se que houve leituras, no período de 1904-1905, de Byron, Milton, Pope, Shelley, Keats, Tennyson, Wordsworth e Poe (pela ordem). E desde o fim de 1905 a 1908 as preferências foram por Edgar Poe (na poesia), Baudelaire, Rollinat, Antero, Junqueiro, Cesário Verde, José Duro e Henrique Rosa (irmão do padrasto João Miguel Rosa), vindo depois (1908-1909) Garrett, Antônio Correia de Oliveira, Antônio Nobre. De 1909 a 1911, os simbolistas franceses e Camilo Pessanha e, entre 1912 e 1913, Fernando Pessoa considerou as influências dos saudosistas e dos futuristas.

Há outra menção de realce, quando são citadas as obras de Almeida Garrett: “Num impulso súbito, vindo da leitura de *Folhas Caídas* e das *Flores em Fruto*, começa a escrever versos portugueses. Pensou, no começo, em escrever só poesias inglesas. Foi a ditadura franquista que o colocou dentro do patriotismo literário e começou então a desejar intensamente escrever em português, o que só aconteceu em setembro de 1908”. A confissão pessoana conduz-nos à

realidade: nos anos em que viveu em Durban, o jovem lia o que estava ao seu alcance mais fácil — os autores ingleses. Quer dizer, é muito provável que somente ao regressar a Lisboa, em 1905, tenha estabelecido o verdadeiro contato com os poetas portugueses. E, naturalmente, destas leituras terá advindo o desejo intenso de escrever em português.

## II.

### Infância e adolescência

Na pesquisa que fez e publicou, o prof. Jennings procurou documentar a vida de Pessoa e de seus familiares, garantindo que viveram numa casa confortável, ao passo que sua irmã, D. Henriqueta Madalena Rosa Dias, recordou ao *Jornal de Letras* (Lisboa, 1985) como era a vida em Durban: “Lembro-me pouco de Fernando nessa altura. Por todo esse tempo ele era uma criança que se entretinha sozinho. Eu era muito pequena, lembro apenas de o Fernando estar na escola e regressar à tarde. Depois, já com o meu irmão Luís, o Fernando brincava conosco. Éramos as personagens de uma história continuamente inventada por ele. Cabia-me ser um tenente francês, a meu irmão outro papel, que já esqueci. De tal modo o Fernando levava a sério a brincadeira que, por vezes, até fora da ficção, eu continuava tenente francês. Aliás, continuei a sê-lo por muitos anos. A realidade era constantemente transfigurada, e nós, protagonistas da sua *réverie*. Havia também um Quebrando-Ossos, personagem que assustava crianças. Não a nós, claro. Como sabe, tudo isto é bastante inglês. O Fernando desde criança lia muito, e na literatura inglesa tanto o fantástico como os *fairy-tales* são bem comuns.”

Informações que completam, de algum modo, as que D. Henriqueta Madalena nos proporcionou e que publicamos em entrevista do *Jornal da Tarde* (SP), há meia dúzia de anos. Foi de todos os irmãos quem mais conviveu com o poeta: “Apesar de ter menos nove anos, participei na sua vida. Sabe, o Fernando era um tanto estranho, não era muito acriançado, nem gostava de certas coisas que me agradavam, mas dávamo-nos bem na mesma, ele era muito amigo dos irmãos mais novos. E lá por termos idades diferentes, não queria dizer nada, porque nos arrastava para o seu inesquecível mundo mágico. Outra coisa de que me lembro é, como se sabe, do seu medo de trovoadas; metia-se no lugar mais escuro, nem que fosse um cubículo. Tinha um medo pavoroso dos relâmpagos, quando ouvia os trovões ficava aliviado. Era uma fobia nervosa que o incomodava a valer. Então em África, onde havia tanta trovoada...”

Do que falou ao *Jornal de Letras* e do que também nos disse, destacamos as referências sobre os filhos de D. Henriqueta Madalena. O Poeta dava-se muitíssimo bem com os sobrinhos: “Ele tinha uma paciência infinita. A Maria Manuela, só então Lili, brincava com ele de barbeiro e de manicura. Divertiam-se muito. O Luís Miguel, embora pequeníssimo, também entrava nas brincadeiras. O Fernando adorava fazer surpresas: costumava sempre trazer um

presentinho para minha filha, que escondia debaixo do guardanapo. Dedicou um poema à Lili, mas não me lembro.”

Com muita frequência, Fernando Pessoa visitava a sua irmã nos fins de semana no Estoril, onde D. Henriqueta Madalena tinha uma casa, que até há poucos anos era conservada como no tempo do Poeta. Foi lá que conversamos e tiramos notas para a entrevista do *Jornal da Tarde*, em companhia da sobrinha D. Maria Manuela e da sobrinha-neta Isabel Nogueira Murteira França. E desses contatos se desenvolveu o nosso interesse pelos poemas pessoanos dedicados às crianças, e em especial aos sobrinhos, vindo a reunir os textos poéticos no volume *Combóio, Saudades e Caracóis* (ed. FTD, SP), assim como os outros que recolhemos para um novo e diferente livro de “poemas para crianças”, de Fernando Pessoa, pois o Poeta amava-as como foi testemunhado por outros que conviveram de perto com ele, entre os quais o escritor Carlos Queiroz: “Fernando Pessoa adorava as crianças. Com os sobrinhos, ainda pequenos, era frequente seus familiares verem-no brincar como se tivesse a mesma idade. Para os divertir, costumava improvisar poesias e historietas de ambiente fantástico e burlesco...” (Amigo de Pessoa, o poeta Carlos Queiroz era sobrinho de Ofélia, a namorada de Fernando).

Uma faceta que ainda não está aprofundada, a partir da obra em prosa e verso. De resto, nada mais convincente do que as palavras pessoanas de 1906 (inicialmente redigidas em inglês): “O mais antigo alimento literário da minha infância encontra-se em numerosas novelas de mistério e de horrível aventura. Por aqueles livros que são chamados livros para rapazes e lidam com experiências excitantes pouco me interessava. Levando uma vida saudável e natural, não me despertavam simpatia. O meu interesse não era pelo provável, mas pelo inacreditável, não sequer o impossível por grau de dificuldade, mas o impossível por natureza.” E acrescentou nesse texto escrito já em Lisboa: “A minha infância foi sossegada (...), tive uma boa educação. Mas desde que tive consciência de mim próprio, apercebi-me que tinha uma tendência inata para a mistificação, para a mentira artística. Acrescente-se a isto tudo um grande amor pelo espiritual, pelo misterioso, pelo obscuro, que, no fim de contas, não era senão uma forma e uma variação daquela minha outra característica e completar-se-á a visão intuitiva da minha personalidade”.

Para fechar, reproduz-se o depoimento feito a José Osório de Oliveira, em 1932, e que veio a ser publicado no *Diário de Lisboa* de 29.05.36, mais tarde reproduzido nas *Páginas de Doutrina Básica* (org. de Jorge de Sena, Lisboa, 1946). Na verdade, ninguém melhor do que o Poeta para falar do seu tempo de criança e das suas primeiras leituras: “Em minha infância e primeira adolescência houve para mim, que vivia e era educado em terras inglesas, um livro supremo e envolvente — os *Pickwick Papers*, de Dickens; ainda hoje, e por isso, o leio e releio como se não fizesse mais do que lembrar./Em minha segunda adolescência dominaram o meu espírito Shakespeare e Milton, assim como,

acessoriamente, aqueles poetas românticos ingleses que são sombras irregulares deles; entre estes foi talvez Shelley aquele em cuja inspiração mais convivi./No que posso chamar a minha terceira adolescência, passada aqui em Lisboa, vivi na atmosfera dos filósofos gregos e alemães, assim como na dos decadentes franceses, cuja ação me foi subitamente varrida do espírito pela ginástica sueca e pela literatura da *Dégénérescence* de Nordau.”

\* Comunicação ao Seminário “Literatura, Arte, Educação, Luso-Afro-Brasileiro”, a Bienal Internacional do Livro (São Paulo).